

LEIA AINDA
NESTA EDIÇÃO

A repressão na
Faculdade
São Francisco

*

Evento discute a
imprensa operária
no Brasil

Destoando das palestras organizadas pela Comissão de Redesenho Institucional (Cori) a respeito do tema, o debate realizado pelo centro acadêmico 22 de Agosto, em 23/8, deu espaço para as associações e movimento estudantil discutirem o redesenho da universidade. É a primeira vez desde o início do processo, no primeiro semestre deste ano, que APROPUC, AFAPUC e estudantes têm a oportunidade de expor publicamente como vêm a reestruturação em curso.

Diferentemente do que é colocado nas palestras oficiais e propagandeado pelo aparato institucional, os debatedores alertaram sobre as implicações nada animadoras deste processo de redesenho sobre toda a estrutura e os três setores da universidade.

“Na PUC as coisas vêm de cima para baixo”, salientou o representante da AFAPUC, Nalcir Antonio Ferreira Jr., ao abrir rapidamente o debate e pontuar algo que vem se tornando praxe nos últimos anos: as tomadas unilaterais de decisões, localizadas nas superestruturas universitárias, onde as vozes de funcionários, estudantes e professores têm pouco ou nenhum alcance.

A professora Priscilla Cornalbas, diretora da APROPUC, foi mais a fundo. Antes de tudo, observou que



Representantes de professores, funcionários e estudantes debatem na sala 239

REDESENHO EM XEQUE

não é possível discutir o redesenho ou a proposta para tal, mas sim discutir em que contexto aparece esse processo. Assim, cuidou em fazer um resgate histórico do atual desenho institucional que se pretende alterar. Priscilla lembrou a primeira reforma universitária pela qual passou a PUC-SP, na década de 60, em que a universidade se constituiu como um todo orgânico e, para além, compreendeu uma nova forma de contrato de trabalho e um crescimento intimamente relacionado às demandas sociais.

Passada a ditadura militar, chega o momento em que a comunidade puquiense percebe a necessidade de incluir tais conquistas em seu estatuto. Com isso, em 1982, os três

setores se organizaram num grande congresso que pretendia mudar a configuração da universidade, incorporando as conquistas obtidas no período anterior. “Passamos dois ou três meses debatendo a questão. As pessoas participavam, debatiam, faziam documentos e, por fim, surgiram duas propostas diferentes” lembrou a professora. “Por mais que haja atualmente uma necessidade de repensar questões acadêmicas e administrativas, ela não emerge enquanto necessidade, como tem sido o discurso dominante. Pois

se isso fosse verdade, a questão do redesenho teria de ter surgido há pelo menos 10 anos”, completou. O representante do movimento estudantil, Pedro Nogueira foi conciso. “Gostaria de estar discutindo isso com vozes opostas, mas infelizmente nossos gestores se negam sistematicamente a debater com os estudantes”, declarou. Pedro observou que sob a máscara da bondade, o redesenho aparece para promover uma brutal padronização do ensino baseada unicamente em exigências de mercado, além de trazer elementos que liquidarão todo e qualquer resquício de gestão democrática, liberdade político-pedagógica e de expressão dentro da PUC-SP.

José Erasmo Serra Dias e a violência do Estado

Há 30 anos a tropa de choque da Polícia Militar do Estado de São Paulo, comandada pelo coronel Erasmo Dias, foi usada para invadir o câmpus da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e reprimir um congresso do movimento estudantil dedicado à reorganização da União Nacional dos Estudantes (UNE). O ato de truculência foi repudiado pela comunidade acadêmica e pela sociedade. Até hoje a invasão da PUC-SP é lembrada como uma violação à autonomia universitária e aos direitos democráticos.

Na madrugada da última quarta-feira, dia 22 de agosto, a tropa de choque da Polícia Militar, sob as ordens do governador José Serra, do PSDB, invadiu o câmpus da Faculdade de Direito da USP, no Largo de São Francisco, para reprimir e prender centenas de estudantes e militantes de movimentos sociais que realizaram uma ocupação simbólica, pacífica e apoiada internamente, do pátio da faculdade. A manifestação fazia parte da Jornada Nacional em Defesa da Educação Pública, organizada por diretórios acadêmicos, DCEs, UNE, Andes, Conlute, Coordenação dos Movimentos Sociais, Inter-sindical, CPT, MST e dezenas de entidades estudantis e movimentos sociais.

A Jornada da Educação procurou resgatar, em atos realizados em vários estados, a dívida secular do Brasil com a erradicação do analfabetismo, o acesso da classe trabalhadora à educação pública de qualidade, a ampliação do investimento público no setor, a gestão democrática das instituições de ensino, a defesa da autonomia universitária e tantas outras reivindicações fundamentais para o povo brasileiro. A Jornada da Educação procurou expressar uma demanda histórica da sociedade através de ações (debates, passeatas, atos públicos e ocupações simbólicas) perfeitamente legítimas no Estado Democrático de Direito. Ela procurou recolocar na ordem do dia uma prioridade que está sendo esquecida pelas autoridades, pelas classes dominantes e pelos meios de comunicação.

O que não faz sentido é o governo do Estado utilizar o aparato policial de São Paulo, que tem por finalidade garantir a segurança da população, para reprimir os movimentos sociais e impedir o direito de manifestação – como já ocorreu recentemente com trabalhadores desempregados, metrorviários, sem teto, sem terra e estudantes. O que não faz sentido é a Polícia Militar ser dirigida para passar por cima da Constituição e das leis em desrespeito à autonomia universitária, invadir o câmpus e prender manifestantes que em nenhum momento ameaçaram a segurança pública – mesmo que a violação tenha sido instigada pelo diretor da Faculdade de Direito, pelo Secretário da Segurança Pública ou pelo governador do Estado.

Do ponto de vista da violação dos direitos constitucionais dos cidadãos, a invasão da Faculdade de Direito da USP, em 2007, está no mesmo patamar da invasão da PUC-SP em 1977, embora as autoridades sejam outras e os discursos e os métodos empregados sejam distintos na truculência. O que devemos nos perguntar é o que mudou no espaço de 30 anos: a ótica do Estado se alterou em relação aos movimentos sociais? O que causa mais dano à construção da democracia no Brasil, a ocupação simbólica da São Francisco por 24 horas ou a invasão do câmpus universitário pela PM e a repressão às manifestações públicas?

Tudo indica que estamos diante de um simulacro de democracia: a diferença é que anos atrás uma boa parte da sociedade ficava indignada contra a truculência do Estado; agora, muita gente está anestesiada, acomodada e indiferente. Perdemos na nossa humanidade e na nossa consciência política.

Hamilton Octavio de Souza,
Diretor da Apropuc.

Uma semana dedicada ao estudo da Língua Inglesa

Entre os dias 27/8 e 1^o/9 o Departamento de Inglês da PUC-SP realiza a 1^a Semana de Estudos de Língua Inglesa da PUC-SP: *Opening Doors*. Ao longo de toda a semana acontecerão debates, mesas-redondas, *Living Drama*, ações performáticas e apresentações de gaiteros escoceses.

Durante a semana serão exibidos filmes na sede da APROPUC (Rua Bartira 407), sempre em dois horários: das 12 às 14h30 e das 17 às 19h30.

A palestra de abertura acontece na segunda-feira, 27/8, às 9h, no auditório do Tuca, com a professora Maria Antonieta Celani, sobre o tema *A Formação do Profissional em Língua Inglesa*. À noite, a mesma palestra acontece na sala

134. Um pouco antes, às 7h45, no período matutino e às 19h15 no noturno, os Gaiteros Escoceses apresentam-se no corredor da Cardoso de Almeida e na Rampa.

Na quinta-feira, 30/8, as professoras Glória Sampaio, Leila Darin e Elizabeth Harkot coordenam a 4^a Jornada de Reflexões Sobre Tradução, Linguagem e Cultura PUC-SP/USP, das 8h20 às 11h55 e, no período noturno, das 19h40 às 22h40.

O evento tem a organização do Departamento de Inglês e do Curso de Letras da Faculdade de Comunicação e Filosofia.

A programação completa do evento pode ser encontrada no site www.pucsp.br/comfil.

Carta ao PUCviva denuncia condições de ensino na Uniesp

O *PUCviva* recebeu na semana passada uma correspondência do leitor Elias Silva cumprimentando-nos pela divulgação de outros manifestos de professores e relatando as condições de ensino da Uniesp. Segue abaixo o relato de nosso leitor.

“A Uniesp, que usa indevidamente o prefixo UNI para iludir os consumidores, dando a idéia de universidade – como quando diz ser a 9^a entre as “universidades” – ao comprar, recentemente (maio/07) a Faculdade do Gua-

rujá vem adotando ali as mesmas ações impostas à Renascença e à Teresa Martin.

Será que o MEC, o Ministério do Trabalho e demais órgãos não vêem tais atrocidades contra alunos, professores e funcionários, dado que todos os elementos de projetos pedagógicos se perdem em nome do “custo”?

Parabéns PUCviva por publicar a carta dos demitidos da Teresa Martin.

Elias Silva

PUCviva Publicação da Associação dos Professores da PUC-SP e da Associação dos Funcionários da PUC-SP.

Apropuc: Rua Bartira 407 – CEP: 05009-000 - Fone: 3872-2685.

Afapuc: Rua Cardoso de Almeida 990 – Sala CA 02 – Fone: 3670-8208.

PUCViva: 3670-8004 - **Correio Eletrônico:** pucviva.jornal@uol.com.br - **PUCViva na Internet:** www.apropucsp.org.br

As matérias assinadas não expressam necessariamente as posições das entidades e da redação.

Editor: Valdir Mengardo

Sub-editor: Leandro Divera

Reportagem:

Jaqueline Nikiforos

Fotografia: Fábio Nassif e Julia Chequer

Projeto Gráfico, Edição de Arte e Editoração: Valdir Mengardo e Ana Lúcia Guimarães

A segunda natureza

“A leitura de jornais é a oração matinal do cidadão.”
(Hegel)

Antonio José Romera Valverde

Pela manhã, via meu avô paterno colocar os óculos de lentes bifocais para, solene, ler o jornal vindo da capital paulista. Por volta do meio-dia, a caminho do Colégio Marista, uma moeda transformava-se num copo d'água, brotada de mina sombreada por bambuzais no quintal do senhor Chafic Frahya. Enquanto esperava pelos estudantes, o senhor Chafic relia, circunspecto, jornais em francês da década de 20, com folhas em tom rosa pálido. - Acaso os jornais seriam leituras para idosos serenos e comporia parte da apatia dos bons idosos?

Por volta de 1966, meu tio Benedito Ramos, que voltara de um curso na Universidade Patrice Lumumba, ficou de quarentena em minha casa. Lia o **Jornal do Brasil** e dizia ser o único confiável. Seis meses depois, voltou para a atuação política em Goiás, próximo dos Ludovico.

Comecei a ler jornal aos quatorze anos. Para quem vivia no Sul de Minas, em Poços de Caldas, cidade cosmopolita pelo turismo e *barroca* pela mentalidade, o jornal e o rádio eram as janelas para o mundo. Indissociáveis como pares complementares a dar conta das novidades do mundo e, em particular, da ditadura militar em curso. A par de crônicas memoráveis, os cadernos de cultura e de esportes, a notícia mais esperada era a do resultado do exame vestibular.

Mais tarde, estudante em São Paulo, o hábito transformou-se em segunda natureza. Desde aquele tempo, leio jornais pela manhã,

tomando café. O perseguir de notícias, de temas, de investigações, e as marcas de tinta fresca nos dedos, são imprescindíveis ao despertar. Houve dias que esperei pelo jornal na portaria do prédio. Tempos depois, passei dois anos agradabilíssimos lendo jornais de começo do século XX, no Arquivo Edgard Leuenroth, da UNICAMP, como parte de uma pesquisa acadêmica. Um horizonte completamente novo abriu-se. E muitas vezes esquecia o objeto da pesquisa e passava dias inteiros a acompanhar uma determinada notícia sobre anticlericalismo, sumiço de determinada pessoa ou crises da política republicana em sua primeira fase. No mesmo Arquivo, li jornais dos militantes libertários brasileiros microfilmados de um arquivo holandês, de Amsterdã, pois os originais foram destruídos pela polícia paulistana.

Mas nem só da grande imprensa sobrevive um leitor de jornais. Entrado os anos oitenta, surgiu o **Jornal dos Jornais**, da Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo. Consistia numa montagem sintética de recortes do noticiário e das análises jornalísticas da semana veiculadas pela grande imprensa, mas não somente desta, destinado ao trabalhador. A par disto, o Prof. Maurício Tragtenberg, da PUC-SP, assinava a coluna semanal “No Batente”, do extinto **Notícias Populares**. Na coluna, respondia cartas, esclarecia os trabalhadores sobre os rumos do sindicalismo e das reivindicações operárias, combatia o *fascismo ordinário*, o racismo e as novas formas de controle social. Para facilit-

tar a aquisição de romances pelos trabalhadores, surgiu no anos oitenta uma outra modalidade de jornal, o **Jornalivro**, que publicava literatura em forma de jornal, organizados pela ACO-Vergueiro, dos dominicanos, como o romance **Fontanamara**. É sabido que grande parte dos militantes operários tomaram consciência dos problemas sociais e autoconsciência de sua situação via literatura. Entre 1975 e 1977, a **Folha de São Paulo** publicou a coluna “Jornal dos Jornais”, que foi a manifestação seminal do *media criticism* no Brasil, projetada por Alberto Dines.

Os nexos entre jornalismo e literatura compõem um verdadeiro achado, sobremaneira quando artigos jornalísticos viram livros. Gabriel García Márquez como jornalista transformou uma série de reportagens no notável **Relato de um Naufrago**. João Guimarães Rosa, em **Ave Palavra**, perpetuou pequenos artigos publicados originalmente no **Correio da Manhã**, em **O Globo**, no **Estado de São Paulo** e outros menores. E o poçosaldense, Jurandir Ferreira, transformou suas crônicas de anos e anos, publicadas em jornais locais, no maravilho **Da Quieta Substância dos Dias**. Sem perder de vista o jornalista Lucien de Rubempré, personagem complexo das **Illusions Perdues**, de Balzac.

O desmonte crítico da prática jornalística tem sido objeto de intelectuais. Recentemente, Francisco Fonseca publicou **O Con-**

senso Forjado, análise crítica das mazelas de grandes jornais em torno dos deslizes do governo FHC. E ainda sem publicação, a dissertação de mestrado de Luiz Egypto, **Imprensa e Indústria da Consciência: a informação e a contra-informação militante**, de 1982, cuida crítica e politicamente do universo de informações destinadas aos operários paulistas.

A continuar valendo a assertiva “a leitura de jornais é a oração matinal do cidadão”, ou o que o valha, falta hoje um jornalismo mais investigativo e analítico, e menos informativo pela metade, à sombra do poder. Faz-se necessária a volta do jornalista independente e pluralista, a pensar maiúsculo. Já esgotou a fórmula esquizóide de escrever para os iguais, para os pares, para os corporativismos, seja lá que corporativismos forem. Se for fato que está em curso o declínio do jornalismo impresso, não está em curso o fim da missão do jornalista de expressar-se com independência e acuidade acerca do que investiga e do que pensa. E na ausência de instituições políticas, que explicitem os conflitos sociais, a grande imprensa e a pequena imprensa devem assumir este papel, imparcialmente, com vistas a um horizonte de negação da ordem social dada.

Assim será possível ler um jornal em muito mais que os vinte minutos diários, inclusa as edições de domingo.

Antonio José Romera Valverde é professor do Departamento de Filosofia da PUC-SP e do Depto de Fundamentos Sociais e Jurídicos da EAESP-FGV (valverde@puensp.br)



EVENTO

Debate analisa a imprensa operária no Brasil

Na quinta-feira, 30/8, às 19h, acontece no auditório 239 um debate reunindo o sindicalista Vito Gianotti, os professores José Arbex Jr., do Departamento de Jornalismo, Erson Martins, do Departamento de Artes sob a coordenação de Arthur Pinto Filho, Promotor de Justiça do Estado de São Paulo. Os debatedores analisarão a importância da imprensa operária e sindical no Brasil.

Durante o evento acontece também o lançamento do livro *A História das Lutas dos Trabalhadores no Brasil*, de Vito Gianotti. Nos anos 60

e 70, o autor lutou contra a ditadura e, como tantos que militaram naquela época, foi preso várias vezes – pelo Exército, pelo Deops e pela Polícia Federal. Nas lutas diárias como metalúrgico, forjou sua militância sindical no Brasil e descobriu a importância de uma comunicação alternativa, popular, voltada aos interesses dos trabalhadores. O evento tem a promoção do Departamento de Jornalismo e do Núcleo Perseu Abramo, com apoio da APROPUC, Núcleo Piratininga de Comunicação e Escola Superior do Ministério Público.

A importância de conhecer a história das lutas operárias

“Os trabalhadores que querem mudar o mundo e a sociedade na qual vivem precisam conhecer sua história”. Esta frase, que abre o livro de Gianotti, dá o tom do trabalho deste italiano, radicado no Brasil, que trocou a Faculdade de Filosofia pelo ofício de trabalhador braçal, em que dedicou-se à militância sindical, notabilizando-se pela defesa de uma comunicação popular. Essa luta ganha vigor num momento como o atual, quando as classes dominantes tentam impingir à sociedade o fim da história como horizonte universal.

Vito já havia se aventurado em outras publicações menores, como *Cem Anos de Luta Operária*, publicado pela Vozes, ou *O que é Estrutura Sindical*, pela Brasiliense. Mas, segundo o autor, não existe um compêndio que conte a história dos trabalhadores brasileiros “Existem, sim, ótimos livros que narram episódios, momentos históricos, mas nenhum que narre a luta dos trabalha-



dores brasileiros, desde suas origens até os dias de hoje, em linguagem clara, resumida e compreensível para qualquer trabalhador que tenha, no máximo, oito ou dez anos de estudo. Passei então a pesquisar e o resultado é este livro de 320 páginas”.

A História das Lutas dos Trabalhadores no Brasil relata fatos pou-

quíssimo divulgados, como uma greve dos trabalhadores que construíam a linha ferroviária Estrada de Ferro Sul, em Cachoeiro do Itapemirim (ES), em 1907, onde a repressão policial matou 72 deles. Apenas o *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, noticiou o ocorrido de maneira discreta e, segundo Vito, não existem hoje no Brasil mais de 50 pessoas que tenham conhecimento do fato.

É este tipo de resgate que faz com que as lutas dos trabalhadores tenham um balizamento histórico e político, para que eles sejam capazes, efetivamente, de mudar o rumo de sua história.

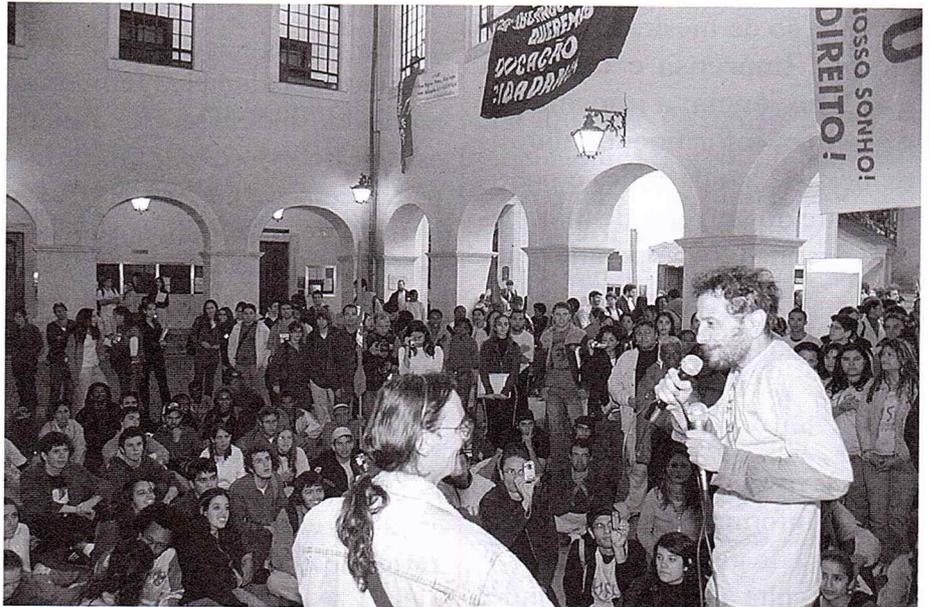
Tropa de Choque invade a São Francisco

Eram duas horas da madrugada de quarta-feira, 22/8, quando o sono foi interrompido pelo som duro das botinas, ecoando pelas escadas, galerias e pátios da faculdade, acompanhado por um assustador “o Choque, o Choque, o Choque...”. Era o fim da ocupação pacífica na conservadora Faculdade de Direito do Largo São Francisco.

Como parte da Jornada Nacional em Defesa da Educação Pública, articulada por 50 entidades estudantis, sindicais e movimentos sociais, a ocupação simbólica tinha data e hora para terminar. Na tarde de 21/8, cerca de 600 pessoas participaram de um ato-debate dentro da faculdade, pautando a ampliação do acesso à universidade pública, as políticas de permanência, maiores investimentos e melhores condições de trabalho. Após o ato, foi declarada uma ocupação de apenas 24h na instituição, como manifestação em prol de 18 pontos elencados pela Jornada, que esboçam as necessidades observadas em relação às condições de ensino.

Às duas horas da madrugada, quando cerca de 300 ocupantes dormiam pelos corredores e no pátio da faculdade, a Tropa de Choque da Polícia Militar de São Paulo invadiu o prédio principal. A intervenção da Polícia no meio da noite foi pedida pelo próprio diretor da São Francisco, João Grandino Rodas.

Em cerca de 30 minutos, todos já haviam sido levados para fora do prédio e aos poucos, foram sendo colocados em ônibus da PM em direção ao 1.º DP, na Sé. Os últimos manifestantes foram transportados somente às 5h30 da manhã. Enquanto aguardavam a chegada dos ônibus, todos permaneceram sentados na rua, cercados pela Tro-



DOUGLAS MANSUR

Antes da invasão da Tropa de Choque Tom Zé participa da invasão e dá uma canja

pa de Choque e afastados cerca de 50 metros da imprensa, que foi proibida pelos policiais de se aproximar para fazer qualquer registro. Advogados e parlamentares que procuraram interceder pelos manifestantes apenas conseguiram passar pelo bloqueio após horas de diálogo com o comandante da operação.

Na sexta-feira, 24/8, os estudantes realizariam um ato na Sala dos

Estudantes, que fica dentro da Faculdade, em repúdio à invasão da PM. Foram surpreendidos pelos portões fechados. Às 22h do dia anterior o diretor decretara que a Faculdade estaria fechada, para evitar a manifestação. O ato foi realizado mesmo assim, em frente à São Francisco. Faixas e cartazes de protesto foram afixados na fachada do prédio principal.

PUC-SP também participa da Jornada

Na semana passada, também a PUC-SP sediou a realização de atividades da Jornada em Defesa da Educação Pública. No dia 22/8, um debate em defesa da anulação do leilão da Vale do Rio Doce, evocando o plebiscito que acontecerá nas próximas semanas em todo o país – inclusive na PUC-SP – lotou o auditório 239 como há muito não se via. O debate foi organizado pelo Centro Acadêmico 22 de Agosto e fez parte das comemorações de seus 60 anos de existência.

Já no dia 23/8, o debate *Acesso,*

Permanência e Redesenho Institucional, organizado pelos centros acadêmicos Benevides Paixão, Clarice Lispector e estudantes de outros cursos da universidade, recebeu dezenas de estudantes no Pátio do Benê para discutir a perda da autonomia universitária e sua relação com o processo de reestruturação pelo qual passa a PUC-SP.

Encerrando a Jornada, em 24/8 o debate *Universidade e Criminalização dos Movimentos Sociais* reuniu diversos movimentos populares e sindicais para falar sobre o tema no Pátio da Cruz.

Rola na rampa

Plebiscito da Vale na PUC-SP

De 27/8 a 5/9, vários centros acadêmicos organizam no câmpus Monte Alegre urnas para o Plebiscito sobre a anulação do leilão da Vale do Rio Doce. Serão sete urnas espalhadas pelos prédios Velho, Novo e da Comfil, além das

entradas da universidade e da Praia. O plebiscito está sendo realizado em todo o país, por diversas entidades estudantis, sindicais e movimentos sociais. Para saber mais sobre a campanha, acesse o site www.avaleenossa.org.br.

Setor de Estágios realiza Semana de Recrutamento

A CGE realizará na última semana do mês a Sexta Semana de Recrutamento. O evento destina-se a efetuar uma aproximação entre os estudantes e as empresas. Nos dias 28 e 29/8, o evento acontece na quadra de esportes do câmpus Monte Alegre, das 10 às 21h30. No dia 30/8, é a vez do câmpus Marquês de Paranaguá, das 10h às 12h e das 18h30 às 21h.

Prosseguem as mostras da Videoteca

A Videoteca prossegue com a exibição de filmes ligados à cidade de São Paulo e à fotografia no cinema. Na mostra "Panorama do cinema paulista: São Paulo no cinema", no dia 27/8, serão exibidos *Terra estrangeira* (12h), *Cidade oculta* (17h) e *Um pouco a mais, um pouco a menos* (18h15). Na mostra "Profissão Fotógrafo", dia 28/8, às 12h entra em cena *Pierre Verger: mensageiro entre dois mundos*, seguido por *Metrópolis*, às 17h.



Aniversário na praia

Entre uma sinuca e um banho de mar os funcionários administrativos comemoraram os 61 anos de PUC na Colônia de Férias da SAAESP, em Praia Grande



PUC-SP relembra 30 Anos de Invasão

O Núcleo de Estudos de História Social da Cidade (NEHSC), a Assessoria de Comunicação Institucional (ACI) da PUC-SP estão organizando um evento marcando os 30 anos da invasão da PUC-SP pelas tropas do coronel Erasmo Dias, ocorrida em 22/9/1977. O professor Sérgio Bicudo, um dos idealizadores do evento, diz que "a proposta visa criar um diálogo entre universidade e

sociedade, e uma nova 'invasão' por estudantes secundaristas, que participariam de palestras, *workshops* e visitas monitoradas, narrando a trajetória da PUC-SP. Esta programação também se desdobra em agosto, durante o Festival Internacional de Curtas-Metragens, que ocorre na PUC-SP, e em outubro na Semana Acadêmica. Informações: nehsc_cordis@pucsp.br.

Fies abre inscrições para bolsistas

O Expediente Comunitário da PUC-SP informa que o Fies – Financiamento Estudantil do Governo Federal, abriu inscrições para bolsas parciais de estudos. O Fies oferece bolsas de 50% nas mensalidades do segundo semestre de 2007, para os

alunos que estejam regularmente matriculados atualmente. A oferta vale para os cursos que não tenham obtido duas reprovações nas avaliações conduzidas pelo MEC. Os interessados devem acessar, até 28/9, a página www.mec.gov.br/fies

Assembléia dos Funcionários em nova data

30/8 – Quinta-Feira
14h – Anfiteatro do Tuca

- * Adequação dos estatutos da AFAPUC
- * Bolsas de Estudos dos Funcionários
- * Portarias